

# O PROÊMIO DA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES: UMA INTERPRETAÇÃO DE *METAPH. A1*

## THE PROEM OF ARISTOTLE'S *METAPHYSICS*: AN INTERPRETATION OF *METAPH. A1*

CECÍLIO, G. da C. A. (2018). O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*. *Archai*, n.º 23, May-Aug., p. 15-44  
DOI: [https://doi.org/10.14195/1984-249X\\_23\\_1](https://doi.org/10.14195/1984-249X_23_1)

**Resumo:** Partindo da noção de proêmio tal como ela foi exposta pelo próprio Aristóteles em sua *Retórica*, examinamos pormenorizadamente *Metaph. A1*. Nosso objetivo é compreender o argumento contido no referido capítulo, procurando fazer ver como o Estagirita introduz com extrema cautela o tema da sabedoria [σοφία], aquela que vem a ser a encarnação da ciência preeminente no primeiro livro da *Metafísica*. A atenção que dedicamos ao proêmio da obra se explica pela importância que atribuímos, ao contrário de boa parte dos estudiosos contemporâneos, à σοφία, isto é, a

ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

# ἀρχαί

n° 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

ciência das causas primeiras ou princípios, que reputamos ser, em última análise, a formulação cardeal da ciência suprema em toda a *Metafísica*.

**Palavras-chave:** *Metafísica*; proêmio; σοφία.

**Abstract:** Based on the notion of proem as exposed in Aristotle's *Rhetoric*, we examine in detail *Metaph. A1*. Our goal is to understand the argument contained in this chapter, as we also endeavour to show how the Stagirite introduces with uttermost caution the theme of wisdom [σοφία], that which is the incarnation of the preeminent science in the first book of the *Metaphysics*. The attention we devote to the proem of this work is explained by the importance we attribute, unlike much of contemporary scholars, to σοφία, that is, the science of first causes and principles, which we consider to be, ultimately, the pivotal formulation of the supreme science in the *Metaphysics*.

**Keywords:** *Metaphysics*; proem; σοφία.

“Será bom, talvez, ter uma visão geral daquilo que estudaremos a seguir; o conhecimento prévio do caminho que devemos percorrer nos permitirá reconhecer cada etapa de nossa jornada ao alcançá-la, e aliviar, assim, a fadiga da viagem. Desse modo não estaremos também nós abrigando, sem ter disso consciência, falsas concepções acerca de nosso assunto. Essa era, porém, a condição, como Aristóteles frequentemente relatava, da maior parte do público que ouviu as preleções de Platão sobre o Bem. Todos eles vieram, ele [Aristóteles] costumava dizer, na convicção de que aprenderiam das lições alguma das coisas que o mundo chama de bem, como riqueza, saúde, poder, ou, em geral, algum dom extraordinário da fortuna. Mas quando eles se deram conta de que os argumentos de Platão versavam sobre ciências, números, geometria e astronomia, e acerca do bem e do uno como predicados do finito, penso que sua decepção tenha sido absoluta. O resultado foi que alguns deles simplesmente zombaram do assunto, enquanto outros trataram de vilipendia-lo. (...) Mas se uma exposição geral do assunto tivesse sido dada com antecedência, o aluno interessado ou teria abandonado a sua intenção de comparecer ou, se tivesse ele ficado satisfeito com a exposição, teria permanecido no referido estado até o fim. Foi exatamente por essas razões, como ele nos disse, que o próprio Aristóteles costumava fornecer àqueles que postulavam assistir a suas lições uma espécie de introdução ao tema e ao método de seu estudo. E nós concordamos com ele; como dissemos no início, tal informação prévia é desejável” (*Harm.* II 30-31).<sup>1</sup>

O trecho que ora citamos dos *Elementa Harmonica* faz menção à famosa, ou melhor, à infame lição de

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, ‘O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*’, p. 15-44

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

Platão *Sobre o Bem*. Como Aristóxeno nos informa, o Estagirita costumava relatar que a lição foi mal compreendida por aqueles que a ela assistiram, sendo uma das causas de semelhante insucesso – não, certamente, a única, ao menos na opinião de Aristóteles – a falta duma adequada introdução ao assunto, capaz de dissipar preconceções errôneas acerca do que se haveria de tratar. Aristóxeno ainda participa que o próprio Aristóteles, para evitar tal erro, procurava sempre apresentar alguma espécie de introdução ao assunto que abordaria num curso que estivesse por começar, e, de fato, podemos verificar o registro dessa prática aristotélica ao folhear o começo dos grandes tratados do filósofo.

Parece-nos claríssimo que também a *Metafísica*, apesar de sua estrutura textual certamente imperfeita, possui uma introdução muito bem definida, a saber, o livro A como um todo, e, mais especificamente, o seu primeiro capítulo. Esse capítulo é literariamente tão fluente que muitos aventaram a hipótese, aliás, bastante plausível, de que ele tenha sido parcialmente extraído de obras já publicadas, tais como o diálogo *Sobre a Filosofia* e o *Protréptico*.<sup>2</sup> Seja como for, certo é que as páginas iniciais da *Metafísica* são, se comparadas a outras tantas seções do *corpus aristotelicum*, notavelmente bem cuidadas do ponto de vista estilístico (o que, infelizmente, não dura muito, *vide*, por exemplo, *Metaph. A9*). Poderíamos até mesmo afirmar que A1 dispensam mais atenção a aspectos retóricos do que à exposição rigorosa de argumentos, como teremos oportunidade de discutir adiante.<sup>3</sup>

Creemos que o referido capítulo possua uma estrutura bem clara. Aristóteles principia com o

elogio do conhecimento em suas formas mais elementares: até mesmo a sensação é digna de louvor (*pace* Platão), pois já ela nos faz conhecer algo [ποιεῖ γνωρίζειν ἡμᾶς] (*Metaph.* A1 980a26). Aristóteles faz, então, desfilir toda uma série de tipos de saber, série esta que é apresentada em clara gradação, até que se chega, finalmente, àquele conhecimento que é chamado de σοφία.

Essa é, sem dúvida, uma grande introdução, ou melhor, um verdadeiro e alteroso proêmio à ciência suprema, o qual tem a clara função, parece-nos, de estimular o público<sup>4</sup> a acompanhar Aristóteles na empreitada contida no restante da obra.

Alguém poderia, porém, duvidar que *Metaph.* A1 constitua, *stricto sensu*, um proêmio à σοφία, uma vez que o próprio tema da σοφία demora um tanto a surgir na referida passagem, e, quando o faz, é apenas como o representante do estágio mais alto de conhecimento que há.

Mas o próprio Aristóteles, ao tratar da noção de προίμιον em *Retórica* III, 14, explica que, por vezes, o proêmio – sobretudo em discursos epidícticos – não afronta diretamente o tema principal a ser tratado no restante do discurso; ao contrário, frequentemente o orador propõe um tópico (de encômio, vitupério ou exortação) que seja capaz de estabelecer algum tipo de ligação com o auditório, para, só então, dirigir-se ao tema principal.<sup>5</sup> Como se vê, é este o caso também aqui em *Metaph.* A1, em que primeiro se faz o encômio do saber em geral, relevando o valor intrínseco do que está por vir, antes que se explique suficientemente em que consista, de fato, a σοφία.

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph.* A1', p. 15-44

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

Mas, para além da função exortativa de A1, julgamos que esse capítulo desempenhe um papel ainda mais importante para Aristóteles. Devemos ter em mente que aqui está sendo introduzida não uma ciência qualquer, mas sim a ciência mais eminente que há, aquele tipo de saber digno do nome de sabedoria. E é por isso que esse proêmio é verdadeiramente especial. Expliquemo-nos.

A excelência da matéria a ser tratada no restante da obra exige, ainda mais do que em outros estudos, uma adequada preparação; caso contrário, grande é o risco de que todo o assunto seja mal compreendido pelo aluno incipiente,<sup>6</sup> fazendo-o esmorecer em sua busca do saber ou, o que é pior, chegar a vituperar a própria sabedoria. E isso não é apenas uma hipótese fantasiosa, mas sim uma lição que Aristóteles teria aprendido com o mal-fadado curso *Sobre o Bem* de Platão. Como nos relata Aristóxeno, quase todos os que tomaram parte nas referidas preleções, por acalentarem falsas expectativas quanto ao seu tema, “simplesmente zombaram do assunto [ὑποκατεφρόνουν τὸ πρᾶγμα], enquanto outros trataram de vilipendiá-lo – κατεμέμφοντο –” (*Harm.* II 31). Que maior desserviço poderia um filósofo prestar ao saber do que levar seus lecionandos a menoscabar a sabedoria mesma?

De fato, o testemunho de Aristóxeno deixa claro que Aristóteles frequentemente se referia a esse fracasso de Platão para ressaltar a importância de se fazer preceder um proêmio a uma exposição qualquer, e isso vale, poderíamos acrescentar, *a fortiori* para o tratamento da σοφία.

Agora que já indicamos o objetivo geral de *Metaph.* A1, passaremos, então, ao exame detalhado desse capítulo.

## DA SENSACÃO À σοφία

Todos os homens por natureza propendem ao saber. Sinal disso é a estima pelas sensações [αἰσθήσεων]: até mesmo à parte de sua utilidade, elas são estimadas em si mesmas e, mais que as outras, a sensação através dos olhos. De fato, não apenas para agir, mas também quando nada pretendemos fazer, preferimos o ver a todas as outras [sensações] (por assim dizer). A causa disso é que, entre as sensações [τῶν αἰσθήσεων], esta é a que mais nos faz conhecer e mostra muitas diferenças (*Metaph.* A1, 980a21-27).<sup>7</sup>

“Πάντες ἄνθρωποι τοῦ εἰδέναι ὀρέγονται φύσει”. Com essa frase, que talvez seja a mais célebre da História da Filosofia, enceta a *Metafísica*. Segue-se imediatamente uma espécie de prova dessa assertiva, que apela para o valor que todos atribuem às sensações, e, em especial, à visão.

O que talvez não seja tão óbvio é que já nestas primeiras linhas prenuncia-se o elogio do valor absoluto do saber: “até mesmo à parte de sua utilidade, elas são estimadas em si mesmas (...) De fato, não apenas para agir, mas também quando nada pretendemos fazer (...)”. Com tais palavras Aristóteles introduz o tema do valor que o conhecimento tem *per se*. Destacamos esse aspecto porque a estratégia argumentativa de *Metaph.* A1 dependerá, em parte, da ideia de que o conhecimento tenha um valor intrínseco.

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, ‘O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph.* A1’, p. 15-44

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

Sendo assim, Aristóteles dá início a sua estratégia de convencimento já nas linhas iniciais da *Metafísica*: todos os homens [πάντες ἄνθρωποι] reconhecem o valor que o conhecimento tem *per se*, como o atesta o apreço que todos têm pelas sensações, e, em especial, pela visão.

A menção a um dos sentidos (a visão) é a deixa para que Aristóteles enverede por uma descrição dos diversos tipos de conhecimento; tal tipologia corre paralela à designação dos animais que possuem cada um desses tipos de conhecimento.

Por natureza os animais nascem dotados de sensação [αἴσθησιν] e, a partir dela, em alguns deles não se instila memória [μνήμη], mas em outros se instila. Por isso, estes animais são mais perspicazes e mais capazes de aprender do que os que não conseguem recordar-se, e são perspicazes sem aprender todos os que não são capazes de ouvir os sons (por exemplo, a abelha, e se há outro gênero de animais desse tipo), mas aprendem todos os que possuem, além da memória, também esta sensação. Assim, os outros animais vivem com as aparências [φαντασίαις] e com as recordações [μνήμαις], mas compartilham pouco da experiência [ἐμπειρίας]; o gênero dos homens, por sua vez, vive também com arte [τέχνη] e raciocínios [λογισμοῖς] (*Metaph. A1* 980a27-980b27).

Não resta dúvida de que Aristóteles esteja deliberadamente apresentando uma gradação dos tipos de saber, e, paralelamente, dos seres inteligentes, segundo o padrão biológico da *scala naturae*. Mas a *Metafísica* não é um tratado biológico ou físico, e o interesse do filósofo está claramente dirigido para os tipos de conhecimento de que é capaz o ser humano.

Sendo assim, Aristóteles passa a contrastar, por um lado, a experiência [ἐμπειρία], e, por outro, a ciência [ἐπιστήμη] e a arte [τέχνη]. Note-se que, em todo o primeiro capítulo do livro A, Aristóteles não parece especialmente interessado em distinguir ἐπιστήμη de τέχνη, as quais são usadas intercambiavelmente e em oposição à ἐμπειρία.<sup>8</sup>

“(...) a experiência [ἐμπειρία] é conhecimento de coisas particulares, ao passo que a arte [τέχνη] é conhecimento de universais (...)” (*Metaph.* A1 981a15-16); eis a primeira a diferença entre arte e experiência, diferença que é toda em favor da arte.

Mas a superioridade da τέχνη com relação à ἐμπειρία nada tem a ver com o seu sucesso prático; “(...) pelo contrário, os experientes [οἱ ἔμπειροι] têm mais sucesso do que aqueles que, sem a experiência, dominam a teoria [λόγον ἔχόντων] (...)” (*Metaph.* A1 981a14-15). Volta aqui, pois, um dos *Leitmotive* de *Metaph.* A1-2: o valor supremo da teoria, e isso independentemente de considerações acerca do seu sucesso prático. Aristóteles, de fato, não se incomoda de reconhecer que o empírico seja, em regra, mais bem-sucedido do que aquele que só possui o λόγος.

Entretanto, achamos que o conhecer e o saber pertencem mais à arte [τέχνη] do que à experiência [ἐμπειρίας], e julgamos os que possuem a arte mais sábios [σοφωτέρους] do que os experientes, como se a sabedoria [σοφίαν] acompanhasse todos eles sobretudo pelo conhecer. Isso, porque uns conhecem a causa [αἰτίαν], mas os outros não: os experientes conhecem o “quê” [τὸ ὄτι], mas não o “porquê”, mas aqueles outros conhecem o “porquê” [τὸ διότι] e a causa [αἰτίαν] (*Metaph.* A1, 981a24-30).

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, ‘O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph.* A1’, p. 15-44

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

Com relação à passagem citada, notemos, em primeiro lugar, que ela estabelece a superioridade da arte sobre a experiência. O Estagirita justifica este veredito pelo fato de que a τέχνη conhece a causa [αἰτία], sendo esta a característica que a distingue da mera ἐμπειρία: a ἐμπειρία tem por objeto o quê [τὸ ὄτι], ao passo que a ἐπιστήμη refere-se ao porquê [τὸ διότι] (*Metaph.* A1 981a 28-29). Para que fique claro, a distinção que se traça aqui é entre o conhecimento de um fato [τὸ ὄτι] e a compreensão do motivo pelo qual [τὸ διότι] este fato ocorre, em suma, a causa [αἰτία] deste fato.<sup>9</sup> Aristóteles está aqui visivelmente apoiando-se em sua conhecida doutrina da relação ínsita entre ciência [ἐπιστήμη] (representada, nesta passagem, pela τέχνη) e causa [αἰτία]: toda ciência é conhecimento da(s) causa(s) de certo fenômeno ou fato.

É importantíssimo sublinhar, ademais, que a passagem contém, pela primeira vez na *Metafísica*, uma menção ao tema da sabedoria [σοφία]. Mas tal menção é notavelmente indireta. Ocorre em primeiro lugar, na ordem do texto, o comparativo “mais sábios”: “julgamos os que possuem a arte mais sábios [σοφωτέρους] do que os experientes”. Só então é que se faz menção à forma substantiva da palavra σοφία: “como se a sabedoria [σοφίαν] acompanhasse todos eles sobretudo pelo conhecer”.

De fato, a julgar unicamente pelo modo sorrateiro como a σοφία faz sua entrada, é difícil compreender como ela atingirá, apenas algumas páginas adiante, o *status* de saber diviníssimo [ἡ θειοτάτη [ἐπιστήμη]] (*Metaph.* A2 983a5). Dito

de outro modo, como a σοφία, saber diviníssimo, pode ser usada de modo tão despojado, servindo de termo de comparação entre aquele que possui uma arte qualquer e aquele que tem apenas experiência? Não seria esse um emprego escuso, ou, ao menos, incompatível com a dignidade da σοφία? Como explicar, pois, essa dificuldade?

Parece-nos que a solução para esse problema seja reconhecer que Aristóteles esteja lançando mão aqui duma espécie de subterfúgio retórico para trazer à baila o tema da σοφία. Vejamos.

Nas primeiras ocorrências de σοφία e de seus derivados no livro A, o termo ainda não está sendo empregado em seu sentido superlativo de saber máximo, até divino. Pelo contrário, Aristóteles escolhe partir da acepção pedestre do termo, nomeadamente, o sentido de um saber técnico qualquer, significado que seria facilmente compreendido por seus ouvintes.<sup>10</sup> O filósofo vai, então, refinando pouco a pouco esse sentido, até que se atinge, por fim, a noção de σοφία como ciência suprema.

Em suma, a estratégia de Aristóteles não é abordar diretamente o sentido técnico de σοφία como a ciência mais eminente que há, mas sim, partindo das preconcepções partilhadas por seu público acerca do que seja ser sábio, ele procurará mostrar que há uma sabedoria em sentido superlativo.<sup>11</sup>

É, portanto, ainda em sentido minimalista que a forma comparativa σοφώτερος é empregada nas linhas que se seguem:

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

# ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

Por isso, em cada domínio, também consideramos que os que dirigem [ἀρχιτέκτονες] sabem mais e são mais dignos de honra [τιμιωτέρους] e mais sábios [σοφωτέρους] que os trabalhadores braçais [χειροτεχνῶν], porque sabem as causas [αἰτίας] daquilo que está sendo produzido (ao passo que estes últimos, tal como certas coisas inanimadas, fazem algo, mas fazem sem saber aquilo que fazem – como, por exemplo, o fogo queima –, (...), como se os considerássemos mais sábios [σοφωτέρους] não por serem capazes de agir, mas porque dominam a teoria [τὸ λόγον ἔχειν] e conhecem as causas [αἰτίας] (*Metaph. A1* 981a30-981b6).

Parece bastante claro que o Estagirita esteja usando o termo “mais sábio” [σοφώτερος] em seu sentido mais largo, como mero índice de superioridade dos que dirigem [ἀρχιτέκτονες] sobre os trabalhadores braçais [χειροτέχναι]

Notemos também que Aristóteles enaltece aqueles que dirigem “não por serem capazes de agir [οὐ κατὰ τὸ πρακτικούς]”, como faz questão de salientar o filósofo, “mas porque dominam a teoria [τὸ λόγον ἔχειν] e conhecem as causas [αἰτίας]”. Eis aqui, uma vez mais, o prenúncio do encômio ao saber pelo saber, o qual surgirá com toda a clareza algumas linhas adiante.

Assinalemos, por fim, que o texto em análise volta a pôr em destaque a noção de causa [αἰτία]; é pelo fato de apreenderem as causas que “os que dirigem” (análogos aos que possuem a τέχνη) são superiores aos trabalhadores braçais (análogos aos que possuem apenas a ἐμπειρία): os que dirigem sabem o que fazem precisamente porque conhecem as causas,

enquanto os trabalhadores braçais, ignorantes das causas, “fazem algo, mas sem saber o que fazem”. Semelhante ênfase na noção de causa não é fortuita; de fato, o tema da αἰτία será parte crucial do restante argumento do livro A. Prossegue, assim, Aristóteles:

Em geral, é sinal de quem sabe (e de quem não sabe) ser capaz de ensinar, e, por isso, julgamos que a arte é mais conhecimento que a experiência, pois uns são capazes, mas os outros não são capazes de ensinar (*Metaph.* A1 981b7-10).

O trecho citado constitui o arremate da comparação entre τέχνη e ἐμπειρία; é característica de quem possui a τέχνη ser capaz de ensinar, mas o mesmo não vale para o empírico, e, por isso, a τέχνη é mais conhecimento [μᾶλλον ἐπιστήμην] que a ἐμπειρία. Aristóteles não parece sentir necessidade de argumentar em favor dessas asserções, confiando, talvez, que elas soem incontestáveis para os seus ouvintes; no entanto, ele seria capaz de defendê-las, fosse isso necessário.

Gaston Colle<sup>12</sup> esclarece que o trecho há pouco citado consiste num silogismo entimemático (no sentido moderno desta expressão), do qual falta, portanto, uma premissa, nomeadamente, só quem conhece a causa (de um fato) é capaz de ensinar. Ou seja, o argumento em tela depende da noção de causa [αἰτία], a qual vinha sendo enfatizada poucas linhas antes. Em suma, a ideia é que aquele que detém a τέχνη é capaz de ensinar justamente porque domina a causa [αἰτία]; inversamente, aquele que possui apenas ἐμπειρία, por desconhecer a αἰτία, não é capaz de ensinar.

## ἄρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, ‘O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph.* A1’, p. 15-44

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

Findado o cotejo de τέχνη e ἐμπειρία, Aristóteles faz um inesperado recuo:

Além disso, julgamos que nenhuma sensação [αἰσθήσεων] é sabedoria [σοφίαν], embora sejam elas os conhecimentos mais decisivos a respeito das coisas particulares; não obstante, elas não dizem o porquê [τὸ διὰ τί] a respeito de nada – por exemplo, **por que** o fogo é quente –, mas apenas dizem **que** [ὅτι] é quente (*Metaph. A1* 981b10-14).

Devemos confessar que esse trecho nos causa certa perplexidade. A passagem principia com uma comparação entre sensação [αἴσθησις] e sabedoria [σοφία]. São muitas as questões que poderíamos levantar; comecemos, pois, com esta: que quer dizer Aristóteles aqui com σοφία?

Considerando que o filósofo ainda não apresentou nem mesmo um esboço de definição da σοφία, a qual, pelo contrário, limitou-se a fazer aparições aqui e acolá, devemos supor que a palavra esteja sendo usada em seu sentido mais amplo, significando, pois, um saber técnico qualquer. Dito de outro modo, a σοφία está sendo empregada aqui como sinônimo de τέχνη, sendo, quiçá, um tipo privilegiado de τέχνη.

Que a σοφία esteja sendo usada como equivalente de τέχνη parece ser confirmado pela comparação que se segue: “(...) elas [as sensações] não dizem o porquê [τὸ διὰ τί] a respeito de nada – por exemplo, por que o fogo é quente –, mas apenas dizem que [ὅτι] é quente”. Ora, os termos desta comparação ressoam inequivocamente os do confronto entre a τέχνη e ἐμπειρία de que tratamos anteriormente; fora

exatamente com base no contraste entre o porquê [τὸ διὰ τί] e o quê [τὸ ὅτι] que τέχνη e ἐμπειρία foram distinguidas poucas linhas antes.<sup>13</sup>

Sendo assim, a σοφία é colocada em paridade com a τέχνη (confirmando a hipótese há pouco referida, a saber, que a σοφία esteja sendo empregada neste trecho como equivalente da τέχνη), e, igualmente, a αἴσθησις é colocada em paridade com a ἐμπειρία: αἴσθησις e ἐμπειρία conhecem apenas o fato, o quê [τὸ ὅτι], ao passo que a σοφία e a τέχνη conhecem o porquê [τὸ διὰ τί] deste fato. Mas tal equivalência, cremos, exigiria algum tipo de esclarecimento. O Estagirita, entretanto, não dedica nem sequer uma frase para explicá-la. E isso não é tudo.

Aristóteles volta aqui a examinar a sensação [αἴσθησις], a qual já fora objeto de considerações nas primeiras linhas do livro A. A comparação a esta altura é, todavia, fora de lugar. Já havia ficado suficientemente estabelecido que a pura sensação [αἴσθησις] não poderia rivalizar nem sequer com a experiência [ἐμπειρία] (*Metaph.* A1 980a27-980b28), a qual, por sua vez, foi sistematicamente caracterizada como sendo inferior à arte [τέχνη]. Ora, por uma simples questão de transitividade, é evidente que a αἴσθησις não pode fazer frente à σοφία. É verdade, ainda não se sabe exatamente em que consista a σοφία. Mas, pelo que ficou dito, é seguro supor que ela seja, no mínimo, uma τέχνη. Assim sendo, tem realmente pouco cabimento comparar αἴσθησις e σοφία.

Como explicar, então, essa incongruência no argumento de *Metaph.* A1?

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph.* A1', p. 15-44

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

Ora, só há verdadeira incongruência se julgarmos que Aristóteles esteja aqui desenvolvendo um argumento absolutamente rigoroso. Mas devemos reconhecer que este não é o caso; *Metaph. A1-2* estão estruturados de modo demasiadamente retórico para que seja lícito fazer semelhantes exigências. O mais provável é que o filósofo tenha sentido a necessidade de reintroduzir o tema da σοφία,<sup>14</sup> e ele usa o trecho em discussão para fazê-lo, algo que, do ponto de vista do rigor argumentativo, é, sim, um tanto artificioso.

Mas prossigamos com o nosso exame. Vem à luz, na sequência do texto aristotélico, o elogio consumado do saber pelo saber.

Quem pela primeira vez inventou uma arte [τέχνην] para além das percepções comuns [κοινὰς αἰσθήσεις] provavelmente deve ter sido admirado [θαυμάζεσθαι] pelos homens não apenas porque algum dos achados era útil [χρήσιμον], mas por ser alguém sábio [σοφός] e diferente dos outros; e, quando outros inventaram mais artes [τεχνῶν], umas para as necessidades, outras para o divertimento, estes, provavelmente, foram considerados mais sábios [σοφωτέρους] que aqueles, porque suas ciências [ἐπιστήμας] não eram voltadas à utilidade [χρήσιν]. Por isso, quando todas as [artes] deste tipo estavam já constituídas, foram inventadas as ciências [ἐπιστημῶν] que não são voltadas nem ao prazer, nem às necessidades, e primeiramente nas regiões em que primeiramente se teve lazer [ἐσχόλασαν]. Por isso, as artes matemáticas constituíram-se primeiramente no Egito, pois lá o grupo dos sacerdotes teve lazer [ἐσχολάζειν] (*Metaph. A1* 981b 13-25).

O parágrafo acima configura uma grande retomada de vários dos temas que foram ventilados desde a

primeira linha da *Metafísica*, os quais são aqui organizados em torno da questão do valor incondicional do puro saber. O trecho ostenta, ademais, uma clara progressão: parte-se da mera sensação [αἴσθησις], até que se alcançam as ciências [ἐπιστήμαι]<sup>15</sup> fundadas em pleno ócio [σχολή]. Vejamos.

Em primeiro lugar, Aristóteles afirma a superioridade da arte [τέχνη] sobre as percepções sensíveis comuns [κοινὰ αἰσθήσεις], uma tese que ressoa o contraste entre sensação [αἴσθησις] e sabedoria [σοφία] das linhas imediatamente anteriores.<sup>16</sup> Aquele que, pela primeira vez, inventou uma τέχνη deve ter sido muito admirado [θαυμάζεσθαι], e isso, sublinha Aristóteles, certamente não se deveu a qualquer utilidade [χρήσιμος] que a τέχνη possuísse; pelo contrário, o primeiro inventor duma arte foi admirado “por ser alguém sábio [σοφός] e diferente dos outros”. Desponta aqui, uma vez mais, o tema da σοφία.

Aristóteles sugere então uma espécie de escala das artes, em sua provável ordem histórica de aparecimento. Primeiramente teriam surgido as artes voltadas para as necessidades cotidianas; em seguida, as artes voltadas para o divertimento; então, finalmente, teriam sido inventadas as artes que não são dirigidas nem ao divertimento nem às necessidades. Aristóteles não dá aqui um nome específico a estas últimas, mas, logo a seguir (*Metaph.* A1 982a1), ele fará referência a elas com o nome de ciências teóricas.

O trecho deixa bem claro, ademais, que a dignidade de cada uma dessas artes é inversamente proporcional à sua utilidade: as artes mais úteis, aquelas voltadas às necessidades cotidianas, são

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, ‘O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph.* A1’, p. 15-44

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

menos dignas de admiração do que as que se dirigem exclusivamente para o divertimento; estas, por sua vez, são mais úteis do que as ciências teoréticas, mas certamente lhes são inferiores. Desse modo, as ciências teoréticas são posicionadas no ápice da escala dos saberes, malgrado a sua inutilidade. Dada a total desconexão com qualquer finalidade prática, explica Aristóteles, o surgimento das artes puramente teoréticas teria coincidido com a conquista do ócio [σχολή], coisa que, segundo o filósofo, teria sido atingida, pela primeira vez, pela casta sacerdotal do Egito.

Em suma, todo este trecho depende da ideia de que quanto menor a utilidade, maior a dignidade do saber. Tal tese, porém, não é sustentada por nenhum argumento explícito do Estagirita; e, de fato, talvez ela não seja tão óbvia, ao menos para nós, leitores modernos.

A melhor explicação para este problema é, em nossa opinião, a de Tomás de Aquino. Tomás afirma que o verdadeiro motivo pelo qual as ciências teoréticas são superiores às demais ciências é o fato de elas conhecerem melhor as causas.<sup>17</sup> Valendo-nos da exegese de Tomás, poderíamos dizer que o trecho contém, implicitamente, a ideia de que, quanto mais uma ciência avança na apreensão das causas, tanto mais ela se desliga da aplicação prática, tornando-se progressivamente inútil.

Se a interpretação do Aquinate estiver, como parece, correta, e o trecho em tela já contiver, ao menos implicitamente, a ideia de que as ciências teoréticas conhecem melhor as causas do que qualquer outro

tipo de ciência, então, talvez, as linhas que se seguem não soem tanto como uma ruptura no argumento.

Foi dito nas discussões éticas qual é a diferença entre arte [τέχνης], ciência [ἐπιστήμης] e demais itens do mesmo gênero. Mas aquilo em vista de que empreendemos este argumento, eis o que é: [mostrar que] todos compreendem [ὑπολαμβάνουσιν πάντες] que a chamada sabedoria [σοφίαν] é a respeito das primeiras causas e princípios [τὰ πρῶτα αἴτια καὶ τὰς ἀρχάς]. Consequentemente, conforme foi dito antes, reputa-se que o experiente [ἐμπειρος] é mais sábio [σοφώτερος] que aqueles que detêm uma sensação [αἴσθησιν] qualquer; o que possui a arte [τεχνίτης], mais que os experientes [ἐμπείρων] os que dirigem [ἀρχιτέκτων], mais que os trabalhadores braçais [χειροτέχνου], e as ciências teóricas [θεωρητικάι], mais que as produtivas [ποιητικῶν]. É evidente, portanto, que a sabedoria [σοφία] é uma ciência a respeito de certos princípios e causas [τινας ἀρχὰς καὶ αἰτίας] (*Metaph.* A1 981b25-982a3).

A passagem citada pode despertar surpresa, por vários motivos.

Depois de remeter a diferenciação rigorosa entre τέχνη e ἐπιστήμη à *Ética*,<sup>18</sup> Aristóteles anuncia inequivocamente o seu objetivo: “(...) aquilo em vista de que empreendemos este argumento, eis o que é: [mostrar que] todos compreendem que a chamada sabedoria é a respeito das primeiras causas e princípios”. Ora, talvez pareça um tanto inesperado que este seja o objetivo principal do Estagirita neste começo da *Metafísica*.

Sim, é verdade que ele já havia aludido ao tema da σοφία por diversas vezes. Mas a σοφία pareceu

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, ‘O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph.* A1’, p. 15-44

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

desempenhar um papel, por assim dizer, marginal; ela figurou, na maioria dos casos vistos até aqui, como termo de comparação: afirmou-se que 'x' era 'mais sábio' [σοφώτερος] do que 'y'. Aqui, pelo contrário, a σοφία aparece em sua forma substantiva, sendo claramente colocada no centro das atenções. Mais do que isso, Aristóteles enuncia algo que tem a forma duma definição da σοφία, a saber, ciência das causas primeiras e princípios.

Em suma, considerando-se o desenrolar do texto da *Metafísica* até a presente passagem, pode soar inusitado que o argumento visasse a definir a σοφία como ciência das primeiras causas e princípios.

Para responder a esse problema, temos de compreender, em primeiro lugar, que Aristóteles certamente não provou, ao menos até aqui, que a σοφία seja a ciência das primeiras causas e princípios. A afirmação de Aristóteles não é a conclusiva, mas sim meramente programática: "(...) aquilo em vista de que empreendemos este argumento (...)". O filósofo está, portanto, muito mais anunciando o que está por vir do que extraindo resultados do que já disse.

Em segundo lugar, temos de atentar, uma vez mais, para o caráter moderadamente retórico da argumentação de Aristóteles no capítulo em análise. Como dissemos acima, Aristóteles mesmo escreve na *Retórica* que um proêmio pode perfeitamente não atacar diretamente o tema principal do tratado, dedicando-se, ao contrário, a cativar a audiência com algum outro assunto para, só então, dirigir-se ao tema principal. Cremos que é exatamente isso que ocorre aqui em *Metaph. A1*.

Aristóteles principia com um elogio das formas mais elementares de saber, mostrando que estas já são estimadas. Ele, então, prossegue, argumentando que o motivo pelo qual o conhecimento é valorizado nada tem a ver com as suas aplicações práticas; mas qual seria, positivamente, o motivo? O texto sugere que seja o fato de conhecer a causa; quanto mais uma ciência apreende as causas, tanto mais ela é honrada e cobiçada pelos homens.

Esse é, portanto, o argumento que está por trás das várias afirmações do Estagirita de que uma forma de conhecimento “x” seja **mais sábia** que “y”; Aristóteles, de fato, por mais de uma vez explica que a apreensão das causas é o que distingue os saberes.

Em suma, podemos dizer que a argumentação de Aristóteles já caminhava para esta espécie de clímax que é o encontro com a σοφία. Como dissemos, Aristóteles por várias vezes valera-se da σοφία como termo de comparação; assim, afirmou-se que o experto é mais sábio [σοφώτερος] que o senciente; que o que possui arte é mais sábio que o experto, etc. Ora, o que o filósofo fez com essa série de comparações foi sugerir, a partir de usos comparativos de “sábio”, um sentido absoluto, isto é, a existência da sabedoria mesma.<sup>19</sup>

Devemos notar ainda que a passagem retoma deliberadamente as comparações que foram feitas ao longo de *Metaph. A1*:

Consequentemente, conforme foi dito antes, reputa-se que o experiente [ἐμπειρος] é mais sábio[ σοφώτερος]

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, ‘O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*’, p. 15-44

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

que aqueles que detêm uma sensação [αἴσθησιν] qualquer; o que possui a arte [τεχνίτης], mais que os experientes [ἐμπείρων]; os que dirigem [ἀρχιτέκτων], mais que os trabalhadores braçais [χειροτέχνου], e as ciências teóricas [θεωρητικάί], mais que as produtivas [ποιητικῶν] (*Metaph. A1 981b29-982a1*).

Aristóteles não só invoca todos os elementos que foram comparados até então, como também os organiza em clara ordem ascendente, culminando nas ciências teóricas, no topo das quais, está, como sabemos, a própria σοφία. Somando-se tudo isso à clara preocupação estilística (por exemplo, a série de comparações é zeugmática), o Estagirita consegue rematar o primeiro capítulo com um belo floreio retórico.

Destoa um pouco desse *finale*, porém, a frase que efetivamente encerra o capítulo: “É evidente, portanto, que a sabedoria [σοφία] é uma ciência a respeito de **certos** princípios e causas [τινας ἀρχὰς καὶ αἰτίας]” (*Metaph. A1 982a1-3*). Aristóteles dá aqui, sem dúvida, um passo atrás com relação à fórmula há pouco apresentada: “todos compreendem [ὑπολαμβάνουσιν πάντες] que a chamada sabedoria [σοφίαν] é a respeito das **primeiras** causas e princípios [τὰ πρῶτα αἴτια καὶ τὰς ἀρχὰς]” (*Metaph. A1 981b28-29*).

De fato, com base nessa tensão, Christian Wirth (1884, p. 42-43) propôs que se extirpasse a palavra “primeiras” [“πρῶτα”] da frase supracitada, a despeito de o termo constar em **todos** os manuscritos que nos chegaram da *Metafísica*. Para sustentar sua posição, o comentador argumenta que Aristóteles teria provado em *Metaph. A1* unicamente que a σοφία seja

“uma ciência a respeito de **certos** princípios e causas [τινας ἀρχὰς καὶ αἰτίας]”, e não a proposição mais específica “a sabedoria é a respeito das **primeiras** causas e princípios [τὰ **πρῶτα** αἴτια καὶ τὰς ἀρχὰς]”.

Somos de opinião que não é preciso desrespeitar a autoridade unânime dos manuscritos, e que uma explicação bem mais simples pode ser dada.

Vejamos novamente a passagem relevante: “(...) **aquilo em vista de que empreendemos este argumento, eis o que é:** [mostrar que] todos compreendem que a chamada sabedoria é a respeito das primeiras causas e princípios” (*Metaph.* A1 981b27-29, grifo nosso). Como já dissemos, a definição de σοφία tem aqui caráter programático; trata-se, pois, daquilo que Aristóteles ainda pretende demonstrar (e que, de fato, demonstrará em *Metaph.* A2). Não há por que deletar a palavra “primeiras” [πρῶτα] sob a alegação de que o filósofo não tenha provado se tratarem de causas primeiras; realmente ele ainda não provou, mas isso será feito a seguir, em *Metaph.* A2.<sup>20</sup>

## ENDNOTES

<sup>1</sup> Tradução nossa a partir da versão inglesa de Henry S. Macran, cotejando-a com o texto grego.

<sup>2</sup> “*The contents of Book A seem for the most part to have been taken from two of Aristotle’s literary works, the Protrepticus and the dialogue On Philosophy. They represent, accordingly, a material fully worked out over a considerable period of time*” (OWENS, 1978, p. 157). Düring (1990, p. 409) menciona, além do *Protréptico*, o diálogo *Sobre a Filosofia*. Ver também a esse respeito Jaeger (1956, p. 150-156).

<sup>3</sup> Assim escreve Gaston COLLE (1912, p. 2, grifo nosso) acerca do rigor argumentativo de *Metaph.* A1: “*Le premier chapitre constitue un*

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, ‘O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph.* A1’, p. 15-44

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

*ensemble très serré de preuves tendant à établir une proposition somme toute complexe, qu'on pourrait formuler comme suit: « Ce que les hommes honorent sous le nom de sagesse c'est la vraie science; celle-ci est, de sa nature, spéculative, non pratique: elle a pour objet la connaissance des causes. » Les preuves d'Aristote ne se succèdent pas dans un ordre absolument rigoureux: tantôt elles tendent synthétiquement à démontrer l'ensemble de la proposition ci-dessous, tantôt à en établir seulement l'un ou l'autre élément».*

<sup>4</sup> É importante que indiquemos, nem que seja sumariamente, o que queremos dizer ao falar da noção de “público” das lições de Aristóteles. A questão é, de fato, delicada, tendo despertado diversas interpretações, dentre as quais destacamos a brilhante proposta de Stephen Menn (2006). A ideia de Menn é que os escritos aristotélicos (bem como seus correspondentes orais, isto é, as preleções que tiveram lugar no Liceu) prestam-se, sim, a uma organização, a qual certamente nada tem a ver com a ordem da efetiva redação dos mesmos; pelo contrário, os escritos (e suas versões orais) constituem nós (“*nodes*”), que devem ser organizados segundo uma ordem ideal de aprendizado (“*order of learning*”), isto é, a sequência que mais beneficie a compreensão das matérias. Assim, os escritos que compõem a *Metafísica*, por exemplo, devem vir depois dos escritos que compõem a *Física*, e não apenas por um insólito acidente de catalogação, mas porque essa é a ordem que mais favorece o aprendizado; e, pelo mesmo motivo, os *Analíticos* devem preceder ambos os escritos. Tal ordenação ideal seria especialmente útil dada a realidade do ingresso de “alunos” no Liceu; expliquemo-nos. Certamente Aristóteles lecionou um “curso” sobre os *Analíticos*, e, possivelmente, ele o fez mais de uma vez; do mesmo modo, deve ter havido mais de um curso sobre a *Metafísica*, a *Física*, e os demais nós que compõem o *corpus aristotelicum*. Mas dado o fluxo contínuo de entrada de alunos no Liceu, e considerando-se também a magnitude do *corpus*, é muitíssimo provável que jamais um mesmo aluno tenha tido a oportunidade de assistir a todas as lições do Estagirita na sequência desejável. Sendo assim, a existência duma ordenação ideal constituiria uma espécie de referência curricular para os que ingressassem no Perípatos, permanecendo um marco constante em seu aprendizado. O próprio fato de existirem versões escritas das preleções aristotélicas serviria também como a cristalização desse currículo ideal, fixado para todos os leitores vindouros. Em suma, o público das lições do Estagirita era bastante heterogêneo, sendo composto por “alunos

veteranos”, os quais já teriam tido a oportunidade de assistir a um bom número de cursos (idealmente, numa ordem específica), mas também alunos recém-chegados, e ainda inúmeros leitores potenciais.

<sup>5</sup> A observação é de Menn (*The strategy of progressive definition and the argument of A1-2*, p. 4-5). O prof. Stephen Menn disponibilizou no site da Humboldt-Universität zu Berlin uma primeira versão de sua obra ainda não publicada em mídia impressa, *The Aim and the Argument of Aristotle’s Metaphysics*. Citamos esse trabalho do seguinte modo: MENN, título do capítulo, página.

<sup>6</sup> Ao considerarmos a existência dum aluno incipiente, temos em vista a heterogeneidade do público de Aristóteles, que deveria incluir, além de alunos mais antigos e experientes, também alunos recém-chegados ao Liceu, bem como uma miríade de leitores potenciais, nem sempre suficientemente familiarizados com a filosofia aristotélica. Cf. nota 4 deste trabalho.

<sup>7</sup> Para a tradução portuguesa da *Metafísica* utilizamos – com modificações pontuais – a tradução de Lucas Angioni.

<sup>8</sup> Só mais à frente Aristóteles fará uma sumária indicação de que haja diferença entre as duas, remetendo à *Ética*: “εἴρηται μὲν οὖν ἐν τοῖς ἠθικοῖς τίς διαφορὰ τέχνης καὶ ἐπιστήμης καὶ τῶν ἄλλων τῶν ὁμογενῶν.” (*Metaph.* A1 981b25-27).

<sup>9</sup> Não nos deve criar qualquer tipo de dúvida a frase final do texto citado (*Metaph.* A1 981a29-30): “mas aqueles outros conhecem o “porquê” e a causa [οἱ δὲ τὸ διότι καὶ τὴν αἰτίαν γνωρίζουσιν]”. A conjunção καὶ não está sendo usada em seu sentido coordenativo ordinário (“e”), como se “o ‘porquê’ e a causa” fossem duas coisas distintas; o καὶ está sendo aqui empregado em sua valência epexegetica, significando, pois, meramente “isto é”: “o ‘porquê’, isto é, a causa”.

<sup>10</sup> D. J. ALLAN (1983, p. 89-90) faz observações muito pertinentes acerca do problema em tela: “A intenção de Aristóteles é a de extrair um ideal de sabedoria a partir do uso do vocábulo. Mas tem de superar-se imediatamente aqui uma barreira linguística. Os Gregos qualificavam de “sophós” um artífice ou artesão em oposição a um trabalhador não especializado; um artífice de categoria superior por oposição a um artífice subordinado, e ainda ao poeta, em face do seu emprego e manipulação habilidosos das palavras. A nossa palavra correspondente, sábio, não pode patentear a mesma gama de empregos. Nem isto é tudo. Quando se emprega sabedoria ou o seu equivalente francês “sagesse”, é com o sentido de boa capacidade de julgamento em questões pessoais e práticas, ao passo que Aristóteles emprega a palavra “sophía” precisamente no sentido oposto

## ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, ‘O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph.* A1’, p. 15-44

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O prêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

a este, no sentido de designar a qualidade distintiva de uma grande razão ou intelecto especulativo como o que é referido por Anaxágoras. Contudo não se pode encontrar uma tradução melhor do que sábio”.

<sup>11</sup> Escreve ROSS (1924, v. 1, p. 115) em seu comentário inicial a *Metaph. A1*: “*Though the chapter begins without any reference to σοφία, and seems to be merely tracing the development of mind from perception to science through memory, experience, and art, the underlying intention throughout (cf. 981a25, b1, 5, 10, 16, 18) is to bring out the implications of the words σοφός, σοφία, which are finally summed up in 981b27*”.

<sup>12</sup> Ver a este propósito COLLE, 1912, p. 18-19.

<sup>13</sup> *Metaph. A1* 981a24-30.

<sup>14</sup> Na verdade é retoricamente conveniente para Aristóteles reintroduzir também a questão da αἴσθησις, como explicaremos a seguir.

<sup>15</sup> Como observamos acima, Aristóteles não está aqui nada interessado em distinguir exatamente τέχνη da ἐπιστήμη. O parágrafo em análise é mais uma prova de que Aristóteles esteja empregando os dois termos intercambiavelmente.

<sup>16</sup> É, provavelmente, em vista da gradação que se faz neste trecho que a αἴσθησις foi reintroduzida, de modo pouco artificioso, nas linhas que precedem tal gradação. Cf. nota 14.

<sup>17</sup> “*Deinde cum dicit primum quidem comparat artem activam speculativae. Et circa hoc duo facit. Primo ostendit, quod ars speculativa magis est sapientia quam activa. (...) Ostendit autem quod primo dictum est, tali ratione. In quibuscumque scientiis vel artibus invenitur id propter quod homines scientes prae aliis hominibus in admiratione vel honore habentur, illae scientiae sunt magis honorabiles, et magis dignae nomine sapientiae. Quilibet autem inventor artis habetur in admiratione, propter hoc quod habet sensum et iudicium et discretionem causae ultra aliorum hominum sensum, et non propter utilitatem illorum quae invenit: sed magis admiramur, sicut sapientem et ab aliis distinguentem*”, TOMÁS DE AQUINO. *In duodecim libros Metaphysicorum Aristotelis expositio*, I, lectio 1, n. 31. Em seu comentário, Reale (2005, v. 3, p. 11) também emite a mesma opinião, mas ele parece aqui estar sendo influenciado pela exegese de Tomás.

<sup>18</sup> A remissão é, segundo Ross (1924, v. 1, p. 119), à EN VI 1139b14-1141b8.

<sup>19</sup> Tal estratagema linguístico não seria, aliás, de todo estranho para um falante de grego. A semântica da palavra ‘σοφός’ era bastante elástica na Grécia clássica: um grego aplicaria a palavra ‘sábio’ em seu sentido fraco a, por exemplo, um construtor, para distingui-lo dos trabalhadores braçais;

mas um sentido eminente de σοφός já está presente na tradição de listar os grandes sábios em assuntos morais e políticos, como Sólon, e também na própria etimologia da palavra φιλό-σοφος. ROSS faz algumas interessantes observações sobre o trecho em discussão e, em especial, sobre o fato de que Aristóteles tenha por objetivo explicitar conteúdos que estão implícitos no uso cotidiano dos termos σοφία e σοφός. “*What Aristotle has shown with regard to σοφία is that (1) artists are thought to be wiser than experienced people because they know better, i. e. because they know the cause as well as the fact (a25), (2) master-artists are thought to be wiser than artisans for the same reason (a30), (3) none of the senses is thought to be wisdom, for the same reason (b10), (4) the inventors of non-utilitarian arts are thought to be wiser than the inventors of utilitarian arts (b18). The Metaphysics being an essay in σοφία, Aristotle says his object in tracing in this chapter the development of thought has been to point out what is implied in the ordinary usage (ὑπολαμβάνουσι πάντες) of the words σοφός, σοφία; and, as (1), (2) and (3) above clearly show, the implication is that σοφία is concerned with αἴτια or ἀρχαί*” (1924, v. 1, p. 119, grifo nosso).

<sup>20</sup> Escreve, a esse respeito, COLLE (1912, p. 21): “*Par égard pour la tradition nous n'avons pas modifié le texte comme le propose Wirth. Il est possible d'ailleurs de l'expliquer tel qu'il est : Aristote peut fort bien dire que le but de ce chapitre-ci est de démontrer que la sagesse a pour objet les causes premières, puisque le chapitre entier constitue la première partie de cette démonstration. Une seule partie d'une démonstration tend, au même titre que les autres, à établir la conclusion globale et définitive. A la vérité le résultat global n'est pas atteint après l'exposé de cette première partie de la démonstration, mais aussi Aristote ne dit-il rien de pareil, il ajoute au contraire — et c'est la dernière phrase du chapitre 1<sup>er</sup> —: qu'en fait il a démontré jusqu'ici uniquement que la sagesse a pour objet la connaissance de certaines causes, quelles qu'elles soient*”.

## BIBLIOGRAFIA

ALLAN, D. J. (1983). *A filosofia de Aristóteles*. Lisboa, Editorial Presença.

ANGIONI, L. (2002). *Aristóteles. Metafísica: livros I, II e III* (Tradução, introdução e notas). Campinas, UNICAMP/IFCH.

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, ‘O proêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*’, p. 15-44

MACRAN, H. S. (1902). Aristóxeno. *The Harmonics of Aristoxenus* (edited with translation notes and introduction and index of words). Oxford, Clarendon Press.

BYWATER, I. (1890). Aristoteles. *Ethica Nicomachea* (recognovit brevique adnotatione critica instruxit). Oxford, Clarendon Press. (Coleção Oxford Classical Texts).

COLLE, G. (1912). Aristote. *La Métaphysique, livre Ier* (traduction et commentaire). Louvain, Institut Supérieur de Philosophie de l'Université de Louvain. (Coleção Traductions et Études).

DÜRING, I. (1990). *Aristóteles: Exposición e Interpretación de su Pensamiento*. Coyoacán, Universidad Nacional Autónoma de México.

JAEGER, W. (1956). Contemporary evidence on the text of the first chapters of Aristotle's *Metaphysics*. *Studi Italiani di Filologia Classica* 27/28, p. 150-156.

MENN, S. (2006). Aristotle. In: BORCHERT, Donald (ed.). *Encyclopedia of Philosophy*. Farmington Hills. Macmillan, p. 263-288. 10 vols.

MENN, S. [20--]. *The Aim and the Argument of Aristotle's Metaphysics*. [s.l.], [s.n.]. URL=<https://www.philosophie.hu-berlin.de/de/lehrbereiche/antike/mitarbeiter/menn/contents>. Disponível em: 29 de Agosto de 2016.

OWENS, J. (1978). *The Doctrine of Being in the Aristotelian 'Metaphysics': A Study in the Greek Background of Medieval Thought*. Toronto, Pontifical Institute of Mediaeval Studies.

REALE, G. (2005). Aristóteles. *Metafísica* (ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário). 3 vols. São Paulo, Loyola.

ROSS, W. D. (1958). Aristoteles. *Metaphysica* (recognovit brevique adnotatione critica instruxit). (Coleção Oxford Classical Texts). 2 vols. Oxford, Clarendon Press.

CATHALA, M. R.; SPIAZZI, R. M. (1950). (ed.). S. Thomae de Aquino. *In duodecim libros Metaphysicorum Aristotelis expositio*. Torino, Marietti.

WIRTH, C. (1884). Aristoteles. *Die ersten drei Kapitel der Metaphysik des Aristoteles* (Grundtext, deutsche Übersetzung und kritisch-exegetischer Kommentar). Bayreuth, Schröder.

Submetido em novembro e  
aprovado para publicação em dezembro, 2016

# ἀρχαί

nº 23, May-Aug. 2018

Guilherme da Costa Assunção Cecílio, 'O prêmio da *Metafísica* de Aristóteles: uma interpretação de *Metaph. A1*', p. 15-44

